

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: FONTES, A. S. O Skateboarding como intervenção: apropriação temporária e identidade no centro de Barcelona. **V!RUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mm aa.

O *Skateboarding* como intervenção: apropriação temporária e identidade no centro de Barcelona

Adriana Sansão Fontes

Adriana Sansão Fontes é Arquiteta, Pesquisadora em Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo

A *Plaza de los Ángeles*, ou coloquialmente Praça do MACBA, é hoje uma referência internacional do *skateboarding* de rua. Como espaço público de qualidades cívicas inserido em uma área de grande complexidade, sua apropriação temporal vem motivando reações contrárias por parte da comunidade local. Considerando que a praça já consolidou sua identidade baseada nesta intervenção, nos interessa analisar o papel da configuração do espaço da praça em sua apropriação temporária, e as transformações espaciais geradas pela persistência desta prática ao longo do tempo.

Palavras-chave: *skateboarding*, espaço público, apropriação temporária, identidade, Barcelona.

Introdução

São quatro da tarde de uma sexta-feira. O carioca Marcelo e o alemão Manfred, juntamente com numerosos *skatistas* de todo o mundo, deslizam seus *skates* sobre a extensa pavimentação da *Plaza de los Ángeles*. Junto a eles, mais de vinte jovens praticam manobras acrobáticas aproveitando os desníveis e todo tipo de obstáculos. Muito mais gente compartilha do mesmo espaço: meninas com patinetes; um senhor e uma criança brincando com uma

bola; diversos ciclistas que o atravessam; turistas que tiram fotos diante da extensa fachada branca do museu; pessoas que passam rapidamente, e outras que se detêm para descansar observando os movimentos dos *skatistas*.

Quarenta minutos depois aparece uma dupla de guardas municipais. Muitos dos jovens não percebem, não são "locais" nem conhecem as regras cívicas vigentes. Outros mais atentos dão alerta ao grupo, e ao se dispersarem evitam que lhes confiscuem os *skates*. Alguns residentes acusam a Marcelo e Manfred, enquanto protestam pelo atraso da polícia. Um oportunista aproveita a confusão para roubar a bolsa de uma moça que namora distraída. Tão logo a polícia vai embora, os rapazes voltam às suas atividades, em maior número e muito mais animados. Entretanto diversos vizinhos voltam a queixar-se da invasão constante que sofre a praça.

Situações como esta ocorrem cotidianamente na *Plaza de los Ángeles*, internacionalmente conhecida como a Praça do MACBA, referência para *skatistas* de todo o mundo e hoje motivo de polêmica na mídia e de tensões entre usuários e moradores. Trata-se de um espaço público bem singular em uma área urbana complexa, cuja apropriação vem motivando tipos de reações como a descrita.

Trata-se, sobretudo, de uma situação exemplar de apropriação temporária do espaço público, que traz à tona temas como diversidade, multiculturalismo, vitalidade, conflito, disputa, reconquista, exclusão, entre outros tantos temas contemporâneos presentes no espaço da metrópole, *locus* de expressão da pluralidade, seja ela européia ou latino-americana, rica ou pobre.

Reflexões sobre a apropriação

Os mecanismos de apropriação do espaço público nas cidades contemporâneas, segundo Peran (2008, p. 178), respondem a duas diferentes dinâmicas que, embora não excludentes, não compartilham da mesma problemática. Por um lado, existem as práticas de sobrevivência, e por outro, as de disputa pelo espaço. No primeiro caso poderíamos localizar muitos exemplos brasileiros, nossos conhecidos cotidianos. Entretanto, é o segundo caso que será abordado neste artigo, por ser mais apropriado à realidade da cidade de Barcelona, contexto deste trabalho.

O caso de Barcelona é emblemático por se tratar de uma cidade atualmente submetida a uma progressiva política de controle urbano. Este fenômeno quem aponta é Delgado (2007), um dos críticos mais ferozes deste fenômeno. Ele se refere ao impulso excessivamente projetual, que, ao 'desenhar' toda a cidade, mascara a finalidade de filtrar a complexidade, codificar o espaço e reduzir a tensão urbana. Nesse sentido, a presente análise pretende reconhecer que a apologia às apropriações espontâneas tem relação estreita com as sociedades super

organizadas e opulentas, e à necessidade de desenvolver práticas antagônicas, quando não literalmente livres (PERAN, 2008, p. 177).

Tratar de apropriações espontâneas do espaço público significa olhar para as expressões subversivas, contrárias à regulação, ao controle urbano e ao planejamento. Ramoneda (2008, p.176) ressalta que estas formas de apropriação são elementos de inconstância gerados pela própria cidade, normalmente à margem das lógicas de poder e de produção, e que expressam novas formas de conflito e resistência. No entanto, também devem ser entendidos como sinais indicativos de possíveis vias de transformação, por tratar-se de formas de expressão da vivacidade da cidade.

Mas o que significa apropriar-se?

Segundo Delgado (2008, p. 192), o espaço público, enquanto espaço de todos, não poderia ser objeto de posse, mas sim de apropriação. Apropriar quer dizer reconhecer como própria, no sentido de apropriada, apta ou adequada para algo. Borden (2001), por sua vez, acredita que a apropriação não é o simples reuso de um espaço, mas o retrabalho criativo deste espaço-tempo. O processo de apropriação cotidiana de um espaço construído implica, portanto, certa desrealização deste espaço, sua transformação criativa, e é aí que reside a essência da vida coletiva no meio urbano. Ela não se define somente pela oposição entre grupos, mas por uma constante tensão entre a espacialidade construída e aberta ao uso, e à desconstrução retórica deste espaço, feita em proveito da expressão de estilos de vida diferenciados (AUGOYARD, 1979, p.101), e por vezes conflitantes. Portanto, tudo indica que estamos diante de um fato transformador, de uma intervenção temporária cujo resultado é a injeção de vitalidade nas ruas, reagindo contra a cidade controlada, disciplinada e excludente.

No universo das apropriações espontâneas imagináveis, interessa-nos aqui trabalhar sobre o *skateboarding* de rua em Barcelona. Fundamentalmente, a escolha se deve ao traço de contemporaneidade desta intervenção, nômade, surgida recentemente como um extravasamento da prática do *skate* em espaços "institucionalizados", e que imprime na cidade uma nova velocidade, produz espaço, tempo e postura social (BORDEN, 2001).

Algumas dimensões da apropriação

Em uma breve abordagem teórica antes da exposição do caso, gostaríamos de recuperar alguns autores que trabalham a problemática da apropriação espontânea, pontuando algumas dimensões desta prática que possam contribuir para uma visão multifacetada do fenômeno e propor avanços na pesquisa sobre o tema.

- o espontâneo, o pequeno e o particular

Crawford (2005) denomina como "*everyday urbanism*" [urbanismo cotidiano] as diversas atividades ou 'atitudes' perante a cidade que celebram a riqueza e vitalidade do cotidiano, aproveitando as potencialidades e encorajando o uso dos espaços de forma alternativa e

empírica. O urbanismo cotidiano é o 'modo de vida' no domínio físico das atividades públicas corriqueiras, o "everyday space" [espaço cotidiano], espaço passível de apropriação e transformação pelos usuários de forma a melhor acomodar as necessidades da vida cotidiana, conduzindo-o a uma re-familiarização.

Sob sua ótica, a cidade é formada em maior medida pelo urbanismo cotidiano do que pelo desenho formal e pelos planos oficiais, sendo estas atividades não planejadas, espontâneas, um tipo de arquitetura no sentido em que dão forma aos espaços urbanos (KIRSHENBLATT-GIMBLETT apud CHASE, J.; CRAWFORD, M.; KALISKI, J., 1999). Acrescenta que não existe um 'urbanismo cotidiano' universal, mas uma multiplicidade de respostas para lugares e tempos específicos, onde as soluções são modestas e pequenas em escala, contidas em calçadas, praças ou pequenos espaços. Estes traços trazem à tona as dimensões do **espontâneo**, do **pequeno** e do **particular** contidas nas apropriações temporárias.

- o subversivo e o ativo

La Varra (2001) foi o primeiro autor a cunhar o termo "Post-it City" [cidade ocasional]. Ela equivale à rede temporária de estruturas funcionais que ocupa interstícios do tecido urbano e promove a escrita temporária dos espaços públicos fora dos canais convencionais. Estes modos temporários de ocupação do espaço revelam habilidades subjetivas na tarefa de reconquistá-lo frente à pressão institucional à qual está submetido, tornando-se a apropriação um sensor da qualidade urbana latente.

Devido à espontaneidade com que se disseminam no espaço, estas 'cidades ocasionais' são vistas como formas de resistência à normatização dos padrões de comportamento, ao espetáculo e ao consumismo da cidade opulenta, trazendo à tona a dimensão subversiva da apropriação temporária. Chamamos subversiva na medida em que desafia as regras vigentes, fazendo com que questionemos aonde estas nos pretendem conduzir.

Ademais a dimensão subversiva, enquanto tática de conquista do espaço a apropriação revela sua dimensão ativa, sua capacidade de descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo de 'poetizar' no espaço urbano. A apropriação tem essa capacidade de colocar o espaço 'em ação', em movimento. Acrescentamos, portanto, a **subversão** e a **ativação** como duas dimensões mais da apropriação temporária.

Aqui abrimos um parêntesis. As duas formas de apropriação apresentadas, sejam no sentido de re-familiarização [urbanismo cotidiano] ou enquanto tática de conquista do espaço [cidade ocasional], trabalham com a idéia do informal, da improvisação e da marginalidade. Observa-se, no entanto, uma sutil contradição nas propostas *Post-it*. De acordo com La Varra (2008), os comportamentos ocasionais não deixam rastros [assim como não deixam os blocos *post-it*]. Porém, uma vez potenciais ativadores ou táticas de conquista do espaço, **seria correto afirmar que não deixam rastros?** É neste ponto que se baseia a argumentação central deste trabalho: **o temporário deixa marcas**, e, nesse ínterim, interessam tanto marcas

materiais como imateriais. Kronenburg (2008, p.183) já diria que "a utilização não oficial de determinados espaços chama a atenção sobre o valor dos mesmos e os conduz a investimentos e melhorias mais formalizadas". Apesar de temporárias, há indícios de que estas apropriações podem motivar transformações mais permanentes.

Olhando mais adiante, além das transformações que possam surgir através das posturas transgressoras, refletimos se haverá nas apropriações espontâneas alguma intenção transformadora. Interessa aqui a apropriação na qual se suspeite existir esta intenção, mesmo inconsciente, que pode surgir de alguma forma original de se 'usar' a cidade. Em uma atmosfera de indiferença e rotina, a ação crítica funcionaria como um elemento revitalizador (GAUSA, 2001), caracterizada pela vontade de interagir, ativar, produzir, expressar, mover e relacionar, agitando os espaços e as inércias através de "acontecimentos" ou "eventos". Nada mais apropriado a este universo que o impulso lúdico do *skateboarding*.

- o participativo

A respeito da dimensão **participativa**, Temel (2006) argumenta que usos e ocupações temporárias são vistos atualmente como ferramentas de potencialização, revelando novas possibilidades para os espaços urbanos.¹ Por estarem à margem do planejamento, atuam na forma de auto-observadores da sociedade, explorando nichos e apresentando-se muitas vezes como alternativas, potência e forma de movimento para a revitalização de áreas residuais e ociosas, inclusive com potencial elástico permitindo o contínuo fazer e desfazer. Ressalta, neste contexto, o caráter participativo das apropriações espontâneas, a possibilidade de se colocar em prática um planejamento de base, motivado pela atitude do "faça você mesmo".

Assim, é possível relacionar o *skateboarding* às dimensões da apropriação da seguinte forma:

Espontâneo	É feito por qualquer <i>skatista</i> sem organização prévia / expressão individual e coletiva
Pequeno	Ocupa fragmentos de cidade, interstícios, áreas marginais / contrário ao grande evento
Particular	É específico a determinado contexto atraente ao <i>skatista</i>
Subversivo	Rompe as regras preestabelecidas / usa a cidade de forma alternativa
Ativo	Reconquista lugares / movimenta criativamente o espaço público
Participativo	Descobre lugares potenciais 'de baixo para cima'

- o relacional

Finalmente, para defender a dimensão relacional das apropriações espontâneas, recorreremos a Sabaté, Frenchman e Schuster (2004). Os autores utilizam-se do termo "*event places*" [lugares de eventos] para analisar a relação entre eventos e lugares durante o tempo. Defendem a existência de uma relação simbiótica entre ambos, sustentando que eventos

¹ Debate ocorrido em simpósio: Temporare Nutzungen im Stadtraum, In: **tempor.rar** [simpósio], mai 2003. Viena.

memoráveis deixam marcas nos lugares e dão forma aos espaços, pouco a pouco transformando as cidades. Centrando no caso das apropriações espontâneas e nas particularidades do *skateboarding*, desejamos comprovar a existência desta dimensão **relacional** entre “intervenção” e “local”, neste caso entre o *skateboarding* e a Praça do MACBA. Através do estudo de caso a seguir, propõe-se **refletir sobre a importância da configuração da praça em sua apropriação temporal por esta “tribo urbana”, e ao mesmo tempo sobre as transformações derivadas da persistência desta atividade no tempo.**

O Skateboarding na Praça do MACBA

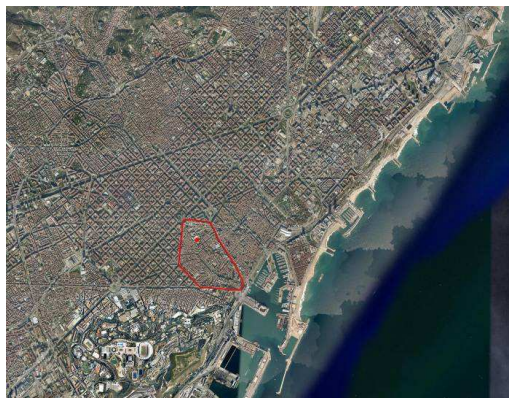
Como forma de introduzir o estudo de caso, colocamos abaixo alguns aspectos gerais da apropriação.

[A] Impulso: Apropriação temporária através da prática do *skating*.

[B] Intenção: Apropriação totalmente espontânea, sem outro objetivo que a própria expressão individual e coletiva. Experimentar a cidade e interagir com seus espaços.

[C] Agentes: Grupo de *skatistas* sem organização prévia, residentes e transeuntes.

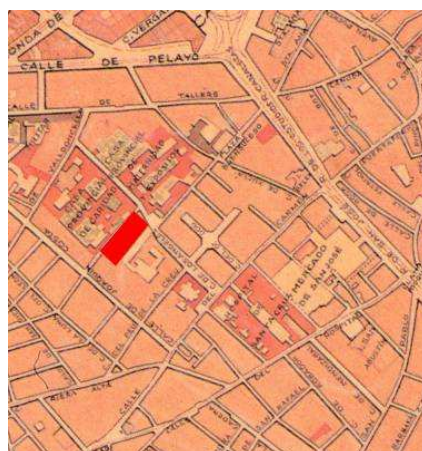
[D] Período: Apropriação sem horário nem duração regular; segundo a presença da polícia.



O bairro do Raval em Barcelona e sua aproximação – Fonte Google Earth.

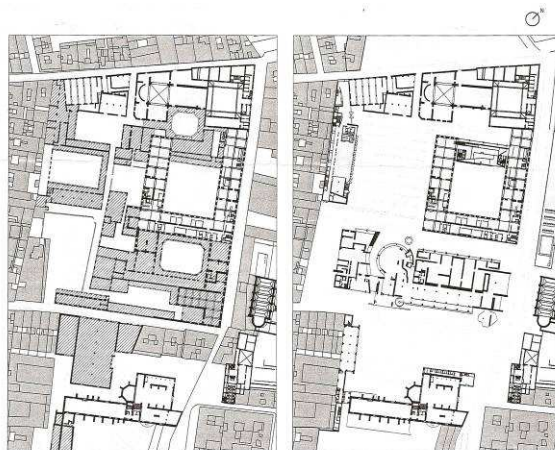
A construção da praça

A origem da *Plaza de los Ángeles*, localizada no *Raval*, remonta-se ao século XIX. Garriga e Roca a apresentam em seu levantamento de 1862 como uma simples dilatação do encontro de duas ruas, *Ángeles* e *Elisabets*, com tamanho modesto e forma trapezoidal, diante da capela do *Convento de los Ángeles*. O plano Cerdá afeta a área com a proposta de alargamento de algumas ruas como *Ferlandina* e *Elisabets*, e no plano de Pere García Faria (1891) desaparecem alguns edifícios da *calle dels Àngels*, perto da praça, mudando um pouco sua configuração anterior. Posteriormente, o levantamento de Martorell (1929) mostra seu consecutivo alargamento.



A área em 1862, 1891 e 1929 –
Fonte GARCIA ESPUCHE;
GUÀRDIA BASSOLS, 1994.

No século XX a praça manteve sua configuração original, até que na década de 80, na ocasião do Plano Especial de Reforma Interior do Raval, é ampliada ao se demolirem diversas edificações que ocultavam o Convento, passando a praça a conformar a frente do edifício da *Casa de la Caritat*.² Em 1993 elabora-se finalmente um projeto que lhe conferirá sua forma atual: uma ampla plataforma para realçar o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, inaugurado em 1995. O projeto supõe a demolição parcial da *Casa de Caritat*, assim como de outros imóveis do entorno.



Edifícios demolidos na área e projeto do Museu
Fonte CABRERA i MASSANÉS, 2007.

Este estudo de caso se aterá a alguns aspectos relevantes deste espaço que nos permitam entender o porquê de seu atrativo para *skatistas* e visitantes. Referem-se a categorias como **inserção na cidade, tamanho, tipologia, arquitetura e plano suporte**. Com isso deseja-se dar conta das principais qualidades físicas do local.

[A] Inserção na cidade ³

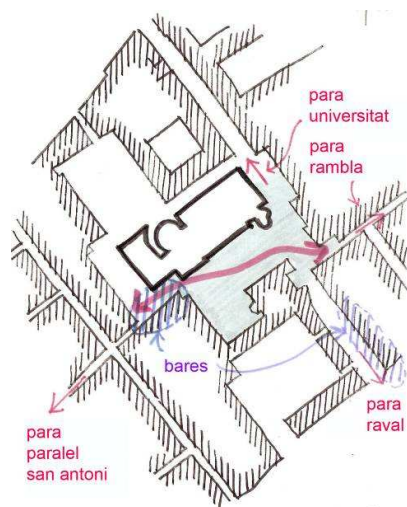
A praça localiza-se em um entorno de grande riqueza patrimonial, e acolhe bem diversas atividades. Em paralelo à sua remodelação, o *Convento de los Ángeles* adequou-se e a *Casa de Caritat* passou a alojar o Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, ao mesmo tempo em que os usos residenciais e comerciais concentraram-se nas ruas *Ferlandina*, *Joaquin Costa* e *Elisabets*. Com o passar dos anos se consolidam diversos usos culturais em edifícios restaurados, como o já mencionado CCCB e o *Fomento de las Artes y del Diseño* [FAD], que ocupa o antigo convento, e são construídas novas obras como a *Facultad de Ciencias de la Información* e os edifícios da *Universidad de Barcelona* [UB], completando a fachada da rua *Montalegre*.

Trata-se de uma área complexa, que concentra predominantemente usos culturais e institucionais, embora inserida em uma antiga zona residencial e comercial. Foi nos últimos anos que a área adquiriu um marcado caráter comercial com a chegada de imigrantes e a

² O estudo "Del Liceo al Seminario" propõe em 1986 a reordenação da área da *Casa de Caritat* e a *Illa Misericordia*, vinculando edifícios históricos, novos equipamentos e espaços públicos, entre eles a ampliação da *Plaza de los Ángels*.

³ Todas as fotos e croquis de análise são da autora.

proliferação de um comércio multicultural, além do incremento da vida noturna devido à abertura de diversos bares e restaurantes.



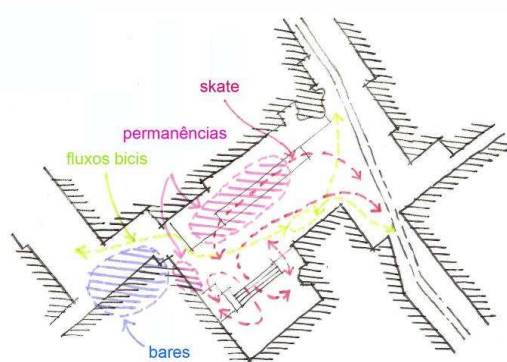
Croqui da inserção urbana da praça –
Fonte: Autora.

[B] Tamanho

No *Raval* encontramos outras praças construídas nos últimos quinze anos que formam uma seqüência de espaços públicos com usos diversos. Porém, a do MACBA, um retângulo de aproximadamente 100 x 50 m, é a maior e melhor conectada de todas elas, o que a confere certa hierarquia sobre as demais.



Comparação da praça com as demais praças do Raval – Montagem: Autora.



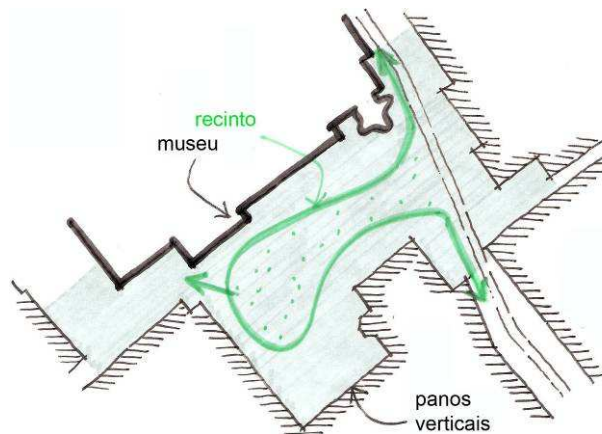
Leitura dos fluxos e permanências da praça – Fonte: Autora

[C] Tipologia

A primeira característica que chama atenção é a magnitude de seu plano praticamente horizontal, delimitado por amplos panos verticais. Este parece ter sido o principal objetivo do projeto: conformar um espaço unitário e uniforme que realce a monumentalidade do museu. A praça se conforma, assim, como um grande espaço público definido por edifícios de feição diversa, integrando permanências tanto de construções como de espaços abertos, com volumes de tamanho considerável e forte contraste em sua aparência, articulação que a confere complexidade, mas também marcada legibilidade espacial (MARTÍ i CASANOVAS, 2003. p. 11).



Contraste horizontalidade do plano com verticalidade da envolvente – Fonte: Autora.



Tipologia de praça 'fechada' – Fonte: Autora

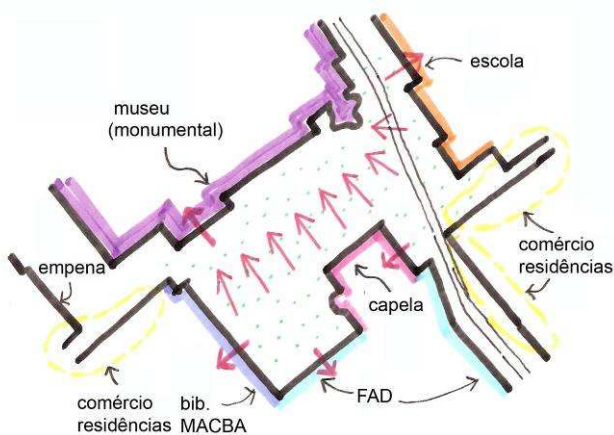
[D] Arquitetura

O entorno da praça resulta da combinação de poucas edificações de grande tamanho, o que facilita sua percepção. O museu se alça imponente sobre a praça ocupando todo o seu comprimento, o que parece justificar a intenção do projeto de criar a praça como seu complemento, assumindo sua singularidade arquitetônica, e dotando-o de simbolismo monumental. A lógica adotada no projeto da praça, como parte de uma estratégia de intervenções no casco antigo de Barcelona, supõe confiar no trabalho sobre o plano vertical

[novas construções ou edifícios restaurados] para a qualificação do espaço central pouco ocupado (MARTÍ i CASANOVAS, 2003, p. 11).



Caráter monumental do museu - Fonte: Autora.



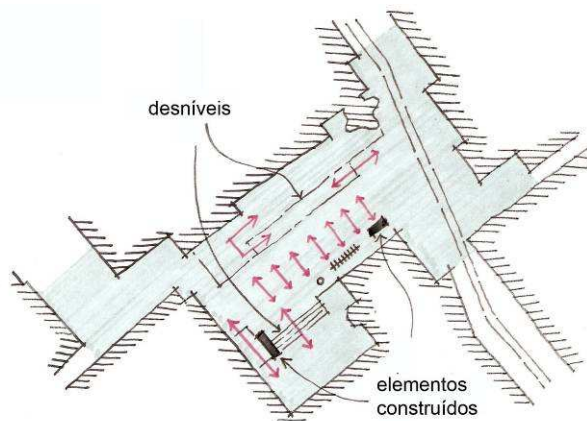
Tipologia de praça 'fechada' – Fonte: Autora.

[E] Plano suporte

O plano horizontal que acomoda as atividades é um espaço contínuo, acentuado com poucos elementos construídos, o que o dota de uniformidade e fluidez. A ligeira pendente e os diferentes planos formam um todo conectado e limpo, qualidades que conferem um caráter aberto e facilitam sua capacidade de adaptação.



Plano horizontal contínuo - Fonte: Autora.



Fluidez do espaço - Fonte: Autora.

Skatistas e vizinhos: um conflito anunciado

Como ocorreu em outras cidades, em Barcelona a partir dos anos 80 o *skating* transbordou os espaços especializados, onde alguém imaginou que deveria confinar-se, e invadiu todo o espaço urbano (BORDEN, 2001, p. 176). Como atividade efêmera, se apropria de âmbitos diversos em cidades de todo o mundo, às vezes somente por curtos períodos. E embora se constitua numa prática bastante globalizada, alguns espaços parecem ser especialmente atraentes. A Praça do MACBA é um destes destinos prioritários, talvez um dos mais importantes e representativos de todo o mundo.⁴

Porém, enquanto a praça ganha adeptos, os vizinhos protestam pela 'invasão' daquele espaço. Já alertaram repetidamente a polícia, fizeram denúncias, e inclusive constituíram uma associação para defender-se da intromissão de uma atividade que consideram prejudicial, conseguindo a proibição da prática de *skate* no local.

Tudo isso suscita algumas questões relativas à atração do lugar.

O que faz dele tão singular?

Existem em Barcelona diversos espaços melhor equipados, com instalações específicas para *skatistas*.

Por que não são tão atraentes?

Por que a praça, pensada como plataforma pública destinada a realçar o museu, seguiu este destino?

Outras perguntas têm a ver com as relações sociais que o *skating* implica.

Por que dita prática incomoda os vizinhos?

Como reagem os outros coletivos?

⁴ Numerosas páginas web proclamam seus atrativos e incitam a que seja conhecido e utilizado. Um poucas horas ali nos permitem distinguir a presença de *skatistas* vindos de todos os cantos do mundo para compartilhar a sua paixão.

Finalmente, outras questões estão relacionadas com o caráter e a vitalidade deste espaço.

De que outras maneiras é utilizado?

Como se organizam as atividades e sub-âmbitos?

Que conseqüências têm dita atividade para o espaço e para o conjunto do bairro?

Arriscaremos uma primeira hipótese interpretativa: **as características físicas do espaço incidem em seu destino, porém, muito mais alguns elementos menos tangíveis, como sua atmosfera** [mistura de tecidos, construções antigas e contemporâneas, pátina do tempo, complexidade, envolvente espacial], **ou o fato de tratar-se de um espaço não apropriado em busca de identidade. Isso parece ter facilitado que o lugar se convertesse em um espaço vivo, diferente de praças de semelhantes plásticas e lógicas projetuais.**

Após considerar a origem e conformação da praça, analisaremos as características do *skateboarding* a fim de avaliar os interesses e transformações que relacionam espaço e evento.

O *skateboarding* na Praça do MACBA

Barcelona já obteve amplo reconhecimento internacional entre os praticantes do *skateboarding*. Grande parte da cidade, fundamentalmente as ruas novas, é considerada "patinável" por dispor de superfícies amplas, horizontais e sem obstáculos [ou com pequenos e atrativos obstáculos]. Tudo isso favoreceu a aparição de patinadores em diferentes partes da cidade.

O *skateboarding*, como atividade espontânea, costuma explorar determinado espaço físico, descobrindo possibilidades diferentes daquelas para as quais o espaço foi criado (BORDEN, 2001, p. 29). Independentemente da idéia original, qual é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos na Praça do MACBA? Para todos aqueles que a conhecem minimamente, com quase total segurança seria a presença dos *skatistas*. De fato a praça, que naturalmente não foi pensada para acomodar dita prática, foi descoberta e apropriada por este grupo específico.

Segundo os principais estudiosos, a chegada dos *skatistas* a um novo espaço costuma vir acompanhada de sua apropriação e contribuição para conformar uma particular identidade (BORDEN, 2001, p. 53). Na ausência de identidade prévia, estes espaços costumam ser re-formalizados temporariamente através dos usos que acomodam, passando a expressar novos significados a partir dos indivíduos ou grupos que dele se apropriam (CRAWFORD, 1999, p. 28).

Entendemos por identidade um conjunto de características pelas quais um lugar é reconhecível, ou seja, sua especificidade ou diferenças com relação a outros lugares. No caso da Praça do MACBA, podemos admitir que sua identidade seja dada pela presença dos

skatistas. Esta constatação vem da identificação generalizada que a atividade tem com este espaço, culminando nas reações públicas da vizinhança em favor de um território que lhes parece "seu".⁵

A apropriação da área data do ano 1995. Nesta época a praça [recém construída] não tinha uso e era um espaço vazio e perigoso. No entanto, passou a ser intensamente utilizada por *skatistas* locais, quando o *skateboarding* em Barcelona ainda não era "moda". Paralelamente, havia ao lado uma grande área vazia, depois ocupada pela Universidade de Barcelona, onde alguns *skatistas* locais costumavam praticar. A partir do ano 2000, com a chegada de gente de outras procedências, a praça se converteu no que é hoje.

Diversos *skatistas* entrevistados confessaram terem tomado conhecimento da Praça através de filmes que circulam pela *web*, e que sua relevância mundial os levou a viajar para conhecê-la. Um dos maiores atrativos parecia a possibilidade de conhecer *skatistas* de procedências diversas, e de trocar experiências e impressões com eles.

A praça constitui hoje um espaço "apropriado" por praticantes de todo o mundo. Caímos na tentação de atribuir em caráter exclusivo esta poderosa atração - suas qualidades "patináveis"- ao fato de dispor de extensas superfícies horizontais, além de obstáculos bem sugestivos. Porém, em Barcelona ditas qualidades não são exclusivas deste espaço. Tantos outros, recentes, também possuem tais atributos, próprios de uma etapa de desenho "minimalista". Por outro lado, na Praça parecem existir outras características que podem ter tido um papel mais decisivo na apropriação.

As entrevistas com *skatistas* nos revelaram outros atributos que contribuíram para conformar uma clara identidade: sua tipologia de praça "fechada", sem muito contato com as ruas, seu aspecto contemporâneo e limpo, sua superfície "dura" e vazia [aberta a usos imprevisíveis], ou inclusive sua origem percebida como marginal. De alguma maneira se crê ter "descoberto" este espaço e tê-lo convertido hoje em uma marca internacional. Vamos centrar nesta capacidade de atração.

Sobre a atração do lugar para os *skatistas*

Um primeiro aspecto que poderia incidir em sua atração seria a ampla superfície de granito liso e sem obstáculos. No entanto, em tantas outras praças de características parecidas, como, por exemplo, as praças de Gracia, não há *skatistas*. Pensemos que a atividade urbana do *skating* constitui uma forma de experimentar a cidade e sua arquitetura, e utiliza diferentes elementos como objetos "saltáveis" (BORDEN, 2001, p. 265). A Praça do MACBA conta com alguns dos

⁵ A identificação uso-local neste caso é tão profunda que não é necessário, por exemplo, recorrer a entrevistas ou outros métodos de pesquisa, já que tanto a 'fama' do espaço quanto os conflitos com a vizinhança estão amplamente documentados na internet ou na mídia barcelonesa.

elementos preferidos pelos praticantes, como rampas e escadas, assim como outros acidentes sedutores na pavimentação. Mas também estes elementos encontram-se nos outros espaços públicos da cidade.

Seguramente devem existir outras qualidades não tão evidentes que façam deste espaço singular entre *skatistas*. Para descobri-las, entrevistamos usuários da praça e reconhecemos um leque de razões para tal sucesso. Vamos tentar descobrir onde reside seu atrativo seguindo os mesmos padrões que utilizamos antes para analisá-la.

[A] Inserção na cidade

Das áreas apropriadas por *skatistas*, as mais populares são as praças centrais: MACBA, *Universidad* e *Tres Chimeneas*. Como os *skatistas* não gostam de isolamento, uma localização próxima a fluxos constitui um fator de atração. A disposição central e conectada da Praça do MACBA possibilita intenso contato com os transeuntes, especificidade ressaltada pelos *skatistas* como base de sua enorme popularidade.

[B] Tamanho

A dimensão do espaço constitui-se numa característica chave. Um espaço de grandes dimensões [aproximadamente cinco mil m²] possibilita uma maior variedade e convivência de atividades sem grandes interferências. Isto permite a realização de acrobacias que não afetem outras atividades desenvolvidas na praça.

[C] Tipologia

Outra característica atrativa da praça é a permeabilidade. Embora pareça fechada, está diretamente conectada a importantes percursos de pedestres, logo, os *skatistas* podem escapar com o *skate* em várias direções. Outra característica relevante é a ausência de automóveis, ou seja, a configuração da praça como um recinto de pedestres. Nas praças de Gracia este parece ser um dos motivos de sua não apropriação, já que são cercadas por ruas onde circulam automóveis.

[D] Arquitetura

Uma observação menos comentada nos remete à presença do museu. Como a prática do *skating* pode também ter uma conotação artística [e subversiva], em algumas ocasiões se produz uma interação inconsciente com o museu de arte contemporânea. A não existência de habitação diretamente conectada com a praça, de perfil cultural e institucional, também contribui para a atividade, diferenciando-a novamente das mencionadas praças de Gracia.

[E] Plano suporte

Finalmente, o aspecto que nos parece de maior relevância é a repetida menção à simplicidade espacial. Uma superfície "limpa, com poucos elementos", convida ao *skating*. No que concerne aos elementos "saltáveis", a especificidade da praça é que bancos, degraus e peitoris desenharam "figuras" no "espaço" dos *skatistas* e possibilitam percursos diversos. Rampas e

escadas conectam diferentes níveis, e têm altura apropriada para as manobras básicas. Também foi mencionada sua polivalência, onde é possível fazer movimentos variados. A área oferece muitas possibilidades, inclusive, cansado de praticar, de sentar-se para descansar.

Alguns outros atributos, como ser uma área iluminada à noite, contribuem para a persistência da atividade. Uma última singularidade da apropriação, segundo muitos dos entrevistados, é a de possibilitar a mistura de patinadores principiantes e experientes. A praça possibilita uma partilha entre diferentes níveis de *skatistas*, mas também a convivência com tantas outras práticas urbanas, enfatizando a dimensão democrática do espaço e sua não colonização por uma única atividade, permitindo ademais o desenvolvimento de relações sociais entre usuários diferentes.

A perspectiva dos outros usuários

Como toda área suscetível à aparição de conflitos, a Praça possibilita o desenvolvimento de relações diversas entre diferentes grupos de pessoas. Normalmente quando as atividades conflitantes respeitam uma divisão espacial, tácita ou não, a convivência se equilibra e o intenso uso do espaço o enriquece. Ao contrário, quando a capacidade de grupos diversos de acomodar suas atividades e dividir um espaço não é suficiente para administrar os conflitos, o equilíbrio espacial se rompe.

A análise da relação entre evento e espaço na Praça se realiza aparentemente em um momento delicado, de instabilidade nos acordos sociais para compartilhá-la. Os vizinhos se queixam ostensivamente do uso atual da praça tendo como base dois argumentos: primeiro, consideram que o *skating* impede o bom uso do espaço pela comunidade local, principalmente crianças e idosos. Ademais, o considerável ruído que causam rompe o silêncio e tranquilidade de um lugar tão singular.

Os *skatistas* aceitam que sua atividade desgasta e em alguns casos suja o espaço. Como toda atividade ampla, atrai todo tipo de usuários, desde os mais respeitosos até os mais "selvagens". Ademais, admitem que o *skateboarding*, na medida em que se apropria de quase todos os elementos urbanos disponíveis, contribui para seu desgaste.

Os moradores mais velhos não gostam que a praça tenha se convertido no que é hoje. Por outro lado, para os mais jovens, mais inclinados à socialização, o ambiente do *skating* lhes parece atraente. Por outro lado, a convivência entre *skatistas*, turistas e usuários regulares parece bastante pacífica, sem grandes conflitos aparentes, ou inclusive com uma apreciável inter-relação, se observamos a grande quantidade de gente que se acomoda nos desníveis para observar diariamente a atividade. Para eles o *skateboarding* constitui um verdadeiro espetáculo, como é, em sentido parecido, o de ver passar todo tipo de personagens pela *Rambla*. Uma similar sedução ocorre sobre as crianças. O que se percebe, longe do rechaço, são os gestos amigáveis. Finalmente, os pedestres regulares que só utilizam a praça como um

percurso não costumam deter-se a observar as atividades, ao contrário, parecem tentar fugir do percurso habitual dos *skatistas* como forma de evitar possíveis choques.

Outros conflitos observados afetam as bicicletas, talvez estes os que mais incomodem, neste caso, aos próprios *skatistas*. O conflito costuma aparecer quando os mesmos saltam os desníveis simultaneamente à passagem das bicicletas. Sobre este conflito ninguém entra em acordo, já que ambos crêem ter a preferência.

Os comerciantes entrevistados reconhecem o aumento da frequência na área, e como consequência, a maior segurança. Para eles, a atividade não traz nenhum incômodo. Aos representantes do museu, o que lhes importa na realidade é manter livre a plataforma superior de acesso, não representando a atividade na parte inferior um grave problema. No entanto, outras vozes não diriam o mesmo. Para muitos, a atividade pode incomodar mais ao museu que aos próprios vizinhos.

Resumindo: a área não está livre de conflitos. De acordo com os próprios *skatistas*, estes ocorrem com frequência, mas nunca com gravidade, e os acreditam perfeitamente administráveis. Por outro lado, os residentes se queixam à Prefeitura já que não desejam viver com conflitos. A polícia patrulha freqüentemente, mas como não permanece todo o dia, não é efetiva para fazer cumprir a normativa. Os vigilantes do museu, que pretendem a aplicação da lei, tentam reprimir a prática, mas sem muito êxito. Alheios, os turistas e usuários continuam desfrutando da vitalidade e da intensa experiência urbana que proporciona a praça.

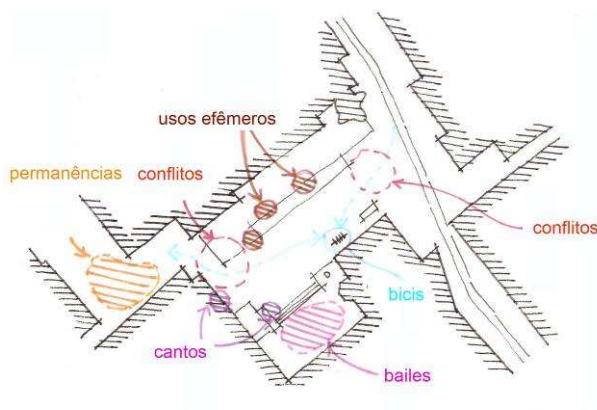
Boa parte da vitalidade do lugar vem da prática do *skating*. Outras pessoas o utilizam, o que implica não se tratar de um espaço colonizado, mas uma área apta para acolher atividades diversas. No entanto, a maior parte das pessoas que a utilizam se relacionam de uma ou outra maneira com dita prática.⁶ Os usos da praça e entorno têm a ver com os equipamentos culturais e com o caráter residencial original do *Raval*. Portanto, além do *skating*, que não obedece a datas nem horários predeterminados, pode-se observar o desenvolvimento de outras muitas atividades, tanto permanentes como efêmeras.

As primeiras estão relacionadas às varandas dos bares, sempre ocupadas, e desde onde é possível observar as atividades da praça. As efêmeras se distribuem de maneira diversa nos diferentes extremos da praça. O âmbito elevado diante do museu constitui uma espécie de anfiteatro, onde normalmente pequenos grupos observam os *skatistas*, conversando ou esperando algum encontro. Outras, normalmente relacionadas ao *skating*, se aglomeram perto da biblioteca, observando ou esperando para entrar em cena. Ocasionalmente também se celebram bailes na praça: grupos de pessoas costumam colocar música na sua parte inferior e mais reservada.

O fluxo de transeuntes é bastante intenso, já que a praça é muito permeável e canaliza muitos percursos. Ademais, é ponto de retirada e devolução do sistema público de bicicletas, que

⁶ Segundo contagem realizada na pesquisa, o uso relacionado com o *skating* representa 80% do total de usuários.

nesta área tem bastante rotatividade, sem falar dos muitos turistas atraídos pelos singulares equipamentos culturais.



Usos e conflitos da praça – Fonte: Autora.

Sobre outros espaços “skatáveis” de Barcelona

Alguém poderia pensar que Barcelona é inadequada para a prática do *skateboarding* devido à escassez de espaços públicos e à incompatibilidade das calçadas de ladrilho do *Ensanche*. Mas se observamos com atenção, veremos que muitas intervenções recentes criaram áreas utilizáveis para a prática em diversos pontos da cidade.

Além dos espaços onde se produz apropriação espontânea, a cidade oferece alguns lugares equipados para esta prática. No entanto, devemos saber distinguir duas modalidades de públicos e práticas diferenciadas. Os praticantes do *skateboarding* “de rua” gostam da sensação de liberdade, da dinâmica e imprevisibilidade das ruas, e se recusam a ficar dentro de um espaço delimitado e projetado para acolhê-los. Por outro lado, os lugares equipados costumam atrair crianças e *skatistas* mais velhos, que não se formaram na modalidade do *skating* “de rua” e preferem praticar sem conflitos. Por esta razão, não nos deteremos na análise dos parques com rampas incorporadas ou em espaços “fabricados” como *skateparks*.⁷

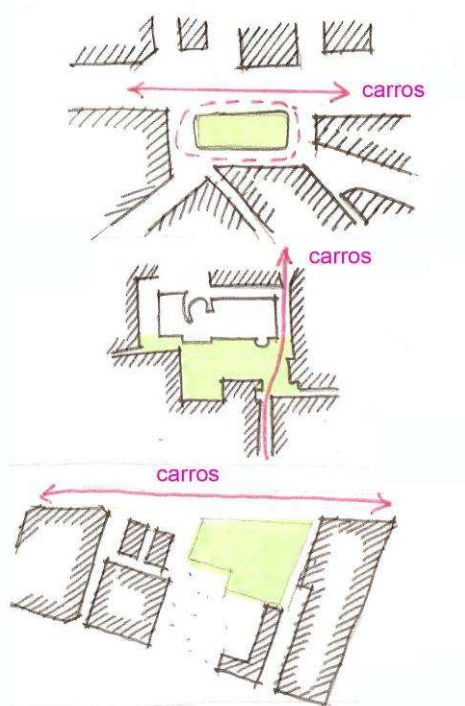
Depois da Praça do MACBA, o *skateboarding* costuma explorar as praças das *Tres Chimeneas* e da *Universidad*, ou a área do Fórum. As três são também bastante populares. Mas, por que não tanto?

Utilizando os mesmos critérios de análise, podemos verificar que nenhuma das três praças tem características tipológicas semelhantes. A Praça da *Universidad* é um lugar rodeado de ruas com muito tráfego, e muito menos acolhedor. A Praça das *Tres Chimeneas* é muito mais isolada dos fluxos, enquanto que a área do Fórum é bastante heterogênea e vazia. A escala de uns e outros espaços é mais equiparável e, portanto, não é relevante para responder a nossa questão. A presença da arquitetura na Praça da *Universidad* não facilita em estabelecer uma

⁷ Entre os lugares equipados para a prática do *skating* dentro da cidade, muitos entrevistados destacam os localizados em Mar Bella e na Ronda de Dalt.

relação tão direta, por estar o espaço público circundado por automóveis, distanciando os edifícios e impedindo o contato. Nas *Tres Chimeneas* parece que a arquitetura não tem tanta relação com o desenho da praça, ficando esta bastante desconectada dos edifícios. No Fórum, a arquitetura monumental e os espaços de desenho contemporâneo podem ser elementos de atração. Finalmente, com respeito ao plano suporte, tanto a Praça da *Universidad* como a das *Tres Chimeneas* têm características semelhantes à do MACBA, sendo plataformas limpas que permitem ampla facilidade de movimentos, mas no caso do Fórum, acreditamos que a dura inclinação da plataforma não parece tão atraente.

Chegamos à conclusão de que talvez o único espaço que reúna todas aquelas características de atração para o *skateboarding* seja a Praça do MACBA, tendo sido o espaço mais procurado e reconhecido pelos praticantes deste esporte, em Barcelona, e talvez em todo o mundo.



Comparações entre as áreas skatáveis -
Fonte: Autora.

Considerações finais

O *skating*, enquanto obra criativa e ativa de seus praticantes, atitude emergente, imprevisível e espontânea, nos mostra diferentes tipos de relação entre usuários e espaço. Assim, a Praça do MACBA é hoje bem diferente de como foi concebida inicialmente. Logo após sua inauguração, muitos duvidavam que pudesse chegar a ser um lugar vivo e dinâmico. Elaboraram-se críticas ao projeto, e, em particular, à presença do museu. Porém, muitos dos que antes condenavam a operação, hoje admitem que a praça tem considerável vitalidade.

O projeto da Praça do MACBA forma parte de um conjunto de intervenções em espaços públicos em Barcelona a partir da década de 80, que criou um modelo internacionalmente reconhecido de desenho urbano. Anteriormente, o espaço se projetava com a intenção de

dotar de identidade um lugar determinado com um notável esforço de formalização. Hoje se admite amplamente que a identidade surge com o próprio uso do espaço, constituindo este muitas vezes o suporte capaz de acolher diferentes possibilidades (MARTÍ i CASANOVAS, 2005, p. 122). Um suporte neutro e indefinido facilita ou inclusive incentiva o desencadeamento de usos temporais e atividades imprevisíveis que espaços mais desenhados ou "arquiteturizados". Atendendo a esta mudança conceitual, podemos afirmar que o suporte da Praça do MACBA, que compartilha traços característicos com outras praças contemporâneas de Barcelona, resulta ideal para o desencadeamento desta prática.

Existe outro fator interessante em relação ao caráter neutro do suporte. Na medida em que não predetermina usos ou atividades, confere versatilidade ao espaço. Dita característica o permite modificar-se repetidamente, constituindo com ele uma ferramenta importantíssima na vitalidade urbana. Ademais, através da indeterminação do suporte surge a possibilidade de se desenhar coexistência no espaço. No exemplo analisado, o suporte demonstrou ser adaptável a solicitações bastante diversas.

De fato a "ordenança" cívica e a repressão policial constituem certo contra-senso, já que representam a tentativa de controlar sua dinâmica natural baseada nas próprias características do espaço. Porque é muito difícil reprimir todas as apropriações espontâneas e inesperadas às quais o espaço urbano está submetido pelos seus próprios usuários, as colonizações imprevisíveis que constantemente o afetam, e que dele fazem um espaço natural de liberdade (DELGADO, 2007).

Referências bibliográficas

AUGOYARD, J. **Pas à pas. Essai sur le cheminement quotidien em milieu urbain.** Paris: Éditions du Seuil, 1979.

BORDEN, I. Skateboarding, space and the city. In: **Architecture and the body.** Reino Unido: Berg, 2001.

CABRERA i MASSANÉS, P. **Ciutat Vella de Barcelona:** memoria de un proceso urbano. Badalona: Ara Llibres, 2007.

CHASE, J.; CRAWFORD, M.; KALISKI, J. **Everyday Urbanism.** New York: The Monacelli Press, 1999.

DELGADO, M. **La ciudad mentirosa.** Madrid: Catarata, 2007.

GARCIA ESPUCHE, A.; GUÀRDIA BASSOLS, M. (selección y textos). **Barcelona 1714-1940, 10 plànols històrics.** Barcelona, 1994.

GAUSA, M., et al. Diccionario metápolis de arquitectura avanzada. In: **Ciudad y tecnología en la sociedad de la información.** Barcelona: Actar, 2001.

HAYDN, F.; TEMEL, R. **Temporary Urban Spaces**: Concepts for the Use of City Spaces. Basel: Birkhäuser – Publishers for Architecture, 2006.

KRONENBURG, R. "Arquitectura subversiva". In: **Post-it City. Ciudades Ocasionales**. Barcelona: CCCB, 2008, p. 181-183.

LA VARRA, G. "Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea". In: **Post-it City. Ciudades Ocasionales**. Barcelona: CCCB, 2008, p. 180-181.

MARTÍ i CASANOVAS, M. A la recerca de la civitas contemporània. In: **La renovació de l'espai públic a Barcelona (1979-2003)**. 2003. Tese (Doutorado em Urbanismo) - ETSAB/ Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2003.

MARTÍ i CASANOVAS, M. Hacia una cultura urbana para el espacio público: la experiencia de Barcelona (1979-2003). In: **Identidades. Territorio, Cultura, Patrimonio**. Barcelona: Laboratorio Internacional de Paisajes Culturales, 2005.

PERAN, M. Post It City. Ciudades Ocasionales. In: **Post-it City. Ciudades Ocasionales**. Barcelona: CCCB, 2008, p. 177-179.

RAMONEDA, J. La ciudad del presente continuo. In: **Post-it City. Ciudades Ocasionales**. Barcelona: CCCB, 2008, p. 176.

SABATÉ i BELL, J.; FRENCHMAN, D.; SCHUSTER, J. **Llocs amb esdeveniments - Event Places**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2004.